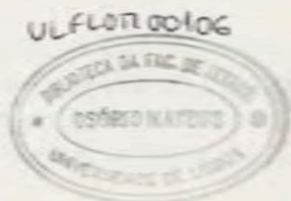


Mário de Sá-Carneiro

JUVENÍLIA DRAMÁTICA

Introdução de MANUELA NOGUEIRA

Nota de MARIA ALIETE GALHOZ



IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

Mário de Sá Carneiro

[SEM TÍTULO]

*Ao seu «maior» amigo
Rogério Garcia Perez,
oferece*

*O Astor:
MÁRIO DE SÁ CARNEIRO
Lx. 16 de Fev. 08*

Meu caro Rogério

Entrego-te esta peça (?) sem título. Põe-lhe tu o que achares mais conveniente, como fizeste com *O Vencido!* em que colaboraste baptizando-o. É um favor que muito agradece.

O teu sempre muito amigo

MÁRIO DE SÁ CARNEIRO

Lx. 20 Fev. 1908

offen caro Rogasio

Entrego-te esta pequena Tabela Pôr. Que
tu o que achares mais conveniente, como fi-
zeste com o Tenente! em que colaboraste habituado.
So-o. E' um favor que muito agradeço

o teu amigo a E. Augusto

Maria de La' Carneira

Lx. 20 fev. 1908

PERSONAGENS

A Baronesa

27 anos. Formosa mas, sobretudo, elegante.

O Visconde

33 anos. Figura distinta e elegante. Homem do mundo, mas não uma nulidade como costumam ser os da sua condição.

O Barão

45 anos. Nenhum traço característico. Pouco mais velho parece que o Visconde.

Um Criado

A cena passa-se em Lisboa — Época: actualidade

ACTO ÚNICO

(A cena passa-se no gabinete de trabalho do Visconde, pelas quatro horas da tarde.

Vasto gabinete de trabalho mobilado artisticamente com móveis antigos, severos. Decorações de cor sombria. Pelas paredes quadros. Uma das portas dá para o quarto do Visconde.)

CENA I

O Visconde, o Criado

(Quando o pano sobe o Visconde está sentado à secretária, perto do bufete de pau-santo, escrevendo.)

Criado (entreabrindo a porta): O senhor Visconde dá licença?

Visconde: Entra. *(O Criado entra)* Que queres?

Criado: Está ali uma senhora, que deseja falar a V. Ex. ...

Visconde: Como? Uma senhora?!... *(sinal afirmativo do Criado)* enfim... manda-a entrar.

(O Criado sai e volta, pouco depois, introduzindo a Baronesa. Esta entra. Embora queira aparentar alegria e despreocupação, uma nuvem de tristeza, ao mesmo tempo que de receio, envolve o seu lindo rosto. Basta um olhar lançado rapidamente sobre ela, para se reconhecer a sua perturbação. Fala febrilmente, ousadamente também.)

Visconde (vendo entrar a Baronesa, extremamente surpreendido): O quê? A senhora!... A senhora aqui?!... Pois será possível!?

Baronesa: Mas porque se admira dessa forma, meu caro Visconde? É a coisa mais natural deste mundo! Não me pediu tanta vez, que se algum dia passasse por esta rua, entrasse em sua casa para descansar um pouco? Hoje passei... e entrei, como vê. Não é pois caso para admiração.

Visconde: Todavia asseguro-lhe, minha senhora, que estava bem longe de esperar uma tão agradável visita.

Baronesa: Demais, como alguns dos seus amigos me têm gabado muito a forma artística com que o senhor tem mobilado a sua casa, eu, curiosa como todas as mulheres, quis também conhecer as suas preciosidades. Mas agora reparo: foi tal o espanto

que a minha entrada lhe causou, que ainda nem sequer me ofereceu uma cadeira!

Visconde (galantemente): Ah! que falta cometi! Felizmente ainda estamos a tempo *(oferecendo-lhe uma cadeira)*. Queir sentar-se, minha senhora.

Baronesa: Antes de tirar o chapéu e o casaco, não. *(Tirando [o] casaco e dando-o ao Visconde)* Uf! Abafa-se aqui com calor. Agora o chapéu. É operação mais delicada por causa do penteado *(Caindo-lhe uma travessa)* Ai! Lá me caiu uma travessa. *(O Visconde apanha-a)* Muito obrigada. *(Curvando a cabeça, provocante, e deixando ver uma nesga do seu formoso pescoço)* Faz favor de ver se o meu cabelô ficou de[s]composto atrás. *(Senta-se)* Mas na realidade este gabinete tem um cunho verdadeiramente artístico. Quer-me mostrar minuciosamente, o seu pequeno museu?

Visconde: À suas ordens, minha senhora, e com o maior prazer.

Baronesa: Comecemos então *(Levanta-se e dirige-se para examinar um quadro)* Oh! que lindo quadro! Quem é o autor?

Visconde: Ignoro-o. Comprei essa tela na Itália. É uma cópia dum Ticiano. Visitando o museu de Florença encontrei lá, entre

Visconde: Oh! minha senhora, com pouco me contento: permita-me apenas que beije a sua linda mão.

Baronesa (estendendo-lhe a mão que o Visconde beija): Sabe, se não amasse tanto o meu marido teria desde hoje um medo horrível do senhor.

Visconde: Mas porquê?

Baronesa: Recearia vir também a amá-lo.

(Cai o pano)

M. DE SÁ CARNEIRO

4-7 Fev. 1908

Esta edição de
JUVENÍLLA DRAMÁTICA
de Mário de Sá-Carneiro

foi composta e impressa por A. Coelho Dias, S.A., em Lisboa

Acabamento nas Oficinas Gráficas da
Imprensa Nacional - Casa da Moeda

Tiragem 1300 exemplares

Capa de Carlos Marin — Grafidex

Acabou de imprimir-se
em Março de mil novecentos e noventa e cinco

edição 45-006 795
cód. 202 109-000
ISBN-972 27-0890-X
DEPÓSITO LEGAL 91 30895